

VISÃO DE FUTURO E TECNOLOGIA

Daniel Nascimento e Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

Uma das características essenciais de um grande líder de organizações tecnológicas é sua capacidade em “ver” o futuro. Evidentemente que não se trata de magia, tampouco de misticismo, mas de conhecimento aplicado. Aplicam técnicas variadas, desde a simples e trabalhosa análise SWOT, até incríveis e complexas equações de modelos estruturais. São “videntes” não por adivinhações ou sorte, mas por profundos conhecimentos técnico-científicos ou empíricos. Este artigo tem como objetivo explicar por que toda organização tecnológica tem que ter uma visão de futuro.

Toda organização precisa de uma visão de futuro simplesmente porque precisa saber aonde quer chegar. A razão disso é que gerenciar é, acima de tudo, conduzir a organização do presente ao futuro. Se a organização não sabe aonde quer chegar, como poderá escolher o melhor caminho a seguir? Aliás, será que é possível gerenciar sem que se saiba onde a organização pretende chegar? Tecnicamente, toda organização que não tem um plano é gerenciada de forma improvisada, amadora; conseqüentemente, se não tem um plano, não tem uma visão de futuro concretada, não sabe com precisão para onde caminhar.

Mas não basta ter visão de futuro, é preciso, também, saber como chegar até lá. Saber aonde pretende chegar e demonstrar o caminho a seguir é o que tecnicamente se chama de Objetivo e Estratégia. Assim, quando se indaga “qual é a estratégia” que uma organização seguiu para alcançar determinado objetivo está-se querendo saber que caminho, que seqüência lógica de etapas ou atividades foi executada para que o futuro desejado fosse materializado. A consequência natural disso tudo é que não existe visão de futuro sem estratégia e, evidentemente, somente haverá estratégia quando alinhada a um objetivo.

Elias Martins é secretário de Produção Rural do município de Manaquiri, próximo a Manaus. Como todo amazonense, o secretário conhece a inaceitável realidade da mortandade de peixes no período de seca dos rios amazonenses que se repete todos os anos; no entanto, diferente de todos os amazonenses, é alguém que vê com clareza o que pode e deve ser feito: os peixes que vão morrer podem ser capturados, industrializados e vendidos depois, podendo uma parte deles abastecer as escolas, na alimentação estudantil.

Provavelmente que muitos tenham tido a ideia de fazer isso, mas apenas Elias Martins teve a visão. É que ideia todo mundo tem, porque todo mundo tem opinião, sugestão e crítica; o secretário teve visão porque, aliado a técnicos e cientistas, sabe exatamente como executar o seu projeto. Uma ideia sem estratégia é apenas uma ideia; com uma estratégia, transforma-se em visão de futuro. É isso o que os líderes de organizações de tecnologia precisam compreender como primeira etapa de transformação de si mesmos em líderes de verdade; a etapa seguinte é a aprendizagem teórico-prática de como construir visões de futuro e elaborar e executar estratégias.

Uma das visões de futuro mais famosa é a do ex-presidente John Kennedy: enviar um homem à lua e trazê-lo de volta em segurança ainda na década de 1960. Ainda que os conhecimentos e tecnologias ainda não estivessem disponíveis quando foi feita a declaração de futuro, todos os esforços necessários foram envidados e direcionados para que tal objetivo se concretizasse. Da mesma forma, Blumenau, belíssima cidade catarinense, quer ser a melhor cidade para se morar em 30 anos. E os esforços e dedicação da gestão do município e principalmente de cada blumenauense estão sendo direcionados para que isso aconteça.

Esses exemplos demonstram que o futuro não é fruto do acaso. O futuro é construído. Quem acha que Deus é que determina como as coisas vão ser está redondamente enganado; quem imagina que o futuro não pode ser mudado, que tudo está predeterminado, já morreu e não sabe. O futuro é uma grande indeterminação porque indeterminados são os desejos e aspirações humanas. Cada qual constrói o seu futuro a partir das ideias (ou visões) que tem. A diferença é que quem tem conhecimentos, habilidades e atitudes constrói visão de futuro e é quase sempre bem sucedido; a imensa maioria fracassa. Aqui, também, tem uma lei inexorável: o sucesso depende da competência de cada um em se autoconduzir.

Pessoas como Elias Martins provavelmente são catalogados como loucos. Imagine, há milhares de anos a mortandade de peixes acontece, é natural; há milhares de anos, gerações após gerações, os indivíduos apenas assistem à mortandade; há gerações, os governantes não fazem o que tem que fazer; há gerações a população repete as mesmas dores, os mesmos sofrimentos, os mesmos lamentos. Aí aparece Elias Martins com a solução do problema. Resultado: é um louco. Ninguém pode modificar o que gerações e gerações não conseguiram.

E Elias Martins vai além: se existe o “Seguro Defeso” para os pescadores, por que não existe o “Seguro Agricultura” para os pequenos agricultores familiares que não podem cultivar suas terras durante os três piores meses de enchentes? E lá vai novamente nosso “louco” com os pés no chão a resolver um problema que há muitas gerações atormenta e coloca em risco a vida dos amazonenses. É dessa loucura que o Amazonas precisa, mas que, infelizmente, são poucos ainda. Em breve seremos muitos, porque essa loucura pode ser ensinada e é isso o que o IFAM tem feito, principalmente nos últimos anos. Essa loucura pode colocar nosso Estado, em pouco tempo, entre os de maior desenvolvimento e justiça econômica e social do planeta. Ave, Elias Martins!